

A MISSÃO PROFÉTICA DO POVO SOFREDOR

Uma leitura do quarto Cântico do Servo Sofredor: Isaías 52,13–53,12

Shigeyuki Nakanose
Enilda de P. Pedro

Numa tarde de quarta-feira, fomos visitar dona Maria, que havia sido internada no Hospital Santa Marcelina, havia duas semanas. Dona Maria, 43 anos, é casada com o sr. José, 48 anos. O casal tem cinco filhos: Luciana, Adilson, Julieta, Marcos e Anderson. Moram em um barraco no Morro Santa Terezinha, em Guaianases, São Paulo. O sr. José, além de beber muito, não tem trabalho fixo. Vive de ofertas de “bico” como servente de pedreiro. A situação da família é de muita pobreza. Dona Maria, apesar da perna sempre inchada por uma ferida que não cicatriza, revende produtos de higiene para ajudar a comprar alimento. Ela é semi-analfabeta e tem muita dificuldade na comunicação verbal, mas coordena “um grupo de rua”, que se reúne a cada 15 dias para rezar e refletir sobre a Palavra de YHWH. Impressionante sua força de convocar e reunir o pessoal da vizinhança! Seu grupo é um dos mais atuantes na comunidade.

O Centro Comunitário do bairro ganhou várias caixas de latas de óleo de cozinha. Apanhamos quatro litros e fomos levar para dona Maria. Quando batemos na porta, Luciana nos atendeu dizendo: “a mãe acabou de sair. Ela foi à casa de dona Rita. Aquela senhora que vai fazer noventa anos... Ela mora aqui bem pertinho.”

Corremos e ainda alcançamos dona Maria que foi logo dizendo: “o filho de dona Rita foi roubado quando vinha trazer a aposentadoria da mãe. Ela ficou sem dinheiro para comprar os remédios e a comida. Então as crianças me disseram: ‘Mãe, vamos dividir com ela o macarrão que a gente tem para essa semana’. Ajuntei mais um pouco de feijão e sal e tou indo levar.”

A lógica dos pobres é surpreendente. Elas e eles, Servas e Servos sofredoras/es, são capazes de se sacrificar por solidariedade com os outros. No mundo onde o que vale é o dinheiro, essa maneira de agir é uma ação profética de denúncia da injustiça que gera pobreza e marginalização. Ao mesmo tempo, é anúncio da Boa-Nova da presença encarnada do YHWH da Vida que congrega, elimina as diferenças e faz descobrir novos caminhos de resistência.

Experiência semelhante à de dona Maria e sua família pode ser encontrada nas comunidades de Judá, no pós-exílio, período de domínio persa (538-333 aC). Tempo de muito sofrimento e luta pela vida. País destruído pelas guerras e deportações, opressão da elite política e religiosa aliada ao império persa. Os Cânticos do Servo sofredor (Isaías 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13–53,12), contendo a experiência do povo israelita no cativeiro da Babilônia, foram lidos e relidos pelas comunidades de Judá nessa época.

Uma leitura atenta do texto nos permite entrar em contato com o sofrimento e a luta dessas comunidades e sua maneira profética de resistir. Que tal fazermos juntos essa experiência lendo e aprofundando o quarto Cântico, descrito em Is 52,13–53,12?

Mas, antes, é bom lembrar que existem várias opiniões sobre quem é o Servo Sofredor, quem escreveu os Cânticos, data e local de redação do texto. Vamos fazer um rápido levantamento das opiniões mais relevantes.

1. Quem é o Servo

Segundo algumas estudiosas e estudiosos do assunto, o Servo é uma coletividade – o povo de Israel. Como se pode observar, essa imagem é bastante comum no Segundo Isaías (41,8; 44,1.2.21; 45,4; 49,3). Tal opinião encontra obstáculos em textos que contrapõem o Servo e o povo, como Is 49,5-6 e 53,8. Tenta-se resolver esse problema afirmando que o Servo não é todo o povo de Israel, mas um resto, um grupo profético ou sacerdotal.

Outras pessoas dizem que o Servo é uma personagem histórica como Isaías, Jeremias, Ciro, Zorobabel, ou algum contemporâneo do Segundo Isaías, ou ainda o próprio autor do Segundo Isaías.

Considerando que nenhuma das opiniões acima possui uma argumentação suficiente, tem gente que tenta fundir as duas teorias, identificando, em geral, o Servo com o rei, como personificação do povo. Para precisar mais essa opinião, algumas pessoas chegam a afirmar que os quatro Cânticos refletem o contexto do Segundo Isaías e que Is 40–55 fala de vários Servos: o povo de Israel (40–48); um grupo de israelitas (49,1-6.7-13; 52,13–53,12), o profeta (50,4-11), Ciro (42,1-9) e o próprio YHWH (43,23-24).

Existe ainda a chamada interpretação messiânica, que aplica os quatro Cânticos do Servo sofredor direta e exclusivamente à pessoa de Jesus. Cabe aqui observar o seguinte: certamente Cristo viu refletida sua missão no quarto Cântico e em alguns outros textos tirados de Isaías como Is 43,4; 44,26; 50,10; 61,1-3. Além disso, para a Igreja primitiva Jesus é o Servo de YHWH (cf. Mt 3,17 // Is 42,1). Entretanto, todo o povo de YHWH é considerado seu Servo e continuador da missão de Jesus.

Quanto à autoria e data, também há várias correntes. Algumas pessoas opinam que o Segundo Isaías escreveu os três primeiros Cânticos e o quarto, que fala de sua morte, foi escrito por um de seus discípulos. Outras pessoas consideram que os quatro Cânticos do Servo de YHWH nada têm a ver com o contexto do Segundo Isaías e não pertencem ao mesmo autor, nem à mesma época.

Como vimos, existem opiniões diferentes. Cabe a nós fazer um caminho de busca e discernimento para chegarmos à nossa opção. Com a luta e o sofrimento de dona Rita, dona Maria e sua família e de tantas outras Servas e Servos sofredoras/es no coração e na cabeça, vamos tentar fazer esse caminho lendo cuidadosamente o quarto Cântico do Servo sofredor: Is 52,13–53,12.

2. Texto

Is 52

¹³Eis que o meu Servo terá êxito, ele será enaltecido, elevado, exaltado grandemente.

¹⁴Da mesma forma que as multidões ficaram horrorizadas a seu respeito – destruída até este ponto, a sua aparência não era mais a de um homem, e o seu aspecto não era mais o dos filhos de Adão –,

¹⁵assim ele purificara muitas nações, diante dele reis vão ficar de boca fechada, pois vêem o que não lhes havia sido contado, e observam o que não ouviram dizer.

53

¹Quem, pois, acreditou naquilo que ouvimos? O braço de YHWH, em favor de quem foi revelado?

²Diante dele, ele cresceu como um rebento, como raiz saindo de uma terra árida; não tinha nem aspecto, nem esplendor tais que os notássemos nem aparência tal que o procurássemos.

³Ele era desprezado, rejeitado pelos homens, homem de dores, familiarizado com o sofrimento, como aquele diante do qual a gente esconde o rosto; sim, desprezado, nem tomamos conhecimento dele.

⁴Na verdade, são os nossos sofrimentos que ele carregou, foram as nossas dores que ele suportou, e nós o considerávamos atingido, golpeado por YHWH e humilhado.

⁵Ele, porém, foi trespassado por causa das nossas transgressões, triturado por causa das nossas iniquidades: a sanção, garantia de paz para nós, estava sobre ele, e nas suas chagas encontrava-se cura para nós.

⁶Nós todos, como ovelhas, éramos errantes, cada um de nós seguia o seu caminho, e YHWH fez recair sobre ele a iniquidade de todos nós.

⁷Brutalizado, ele se humilha, não abre a boca; como um cordeiro é arrastado ao matadouro, como uma ovelha emudece diante dos tosquiadores: ele não abre a boca.

⁸Compelido, submetido a julgamento, ele foi arrebatado, e quem se preocupa com o seu destino? Sim, ele foi suprimido da terra dos vivos, por causa da transgressão do seu povo, o golpe recai sobre ele.

⁹Destinaram-lhe uma sepultura entre os perversos, entre os ricos está seu túmulo, embora não tivesse cometido violência nem houvesse fraude na sua boca.

¹⁰YHWH quis triturá-lo pelo sofrimento. Mas, se ele entrega a sua vida em sacrifício de expiação, ele verá uma descendência, prolongará os seus dias e o projeto de YHWH terá êxito por meio dele.

¹¹Depois de ter pago com a sua vida, ele verá uma descendência, ele será cumulado de dias; logo que conhecido, justo, ele distribuirá a justiça, ele, meu Servo, em benefício das multidões, pois as iniquidades delas toma sobre si.

¹²Por isso eu lhe darei a sua parte nas multidões, e com grande número ele reparará o despojo, visto que derramou a sua alma até a morte e se deixou contar entre os pecadores, visto que carregou o pecado das multidões e intercede pelos transgressores.

3. Delimitação e estrutura do texto

O quarto Cântico do Servo, descrito em Is 52,13–53,12, corta bruscamente o capítulo 52,12 que teria sua continuação lógica em 54,1, cujo conteúdo é Sião, a noiva de YHWH, que se prepara para voltar do exílio. Assim, o conteúdo do quarto Cântico destoa completamente do assunto que o precede e do que lhe é posterior.

Observando atentamente Is 52,13 a 53,12, percebe-se um texto muito bem organizado na sua estrutura e conteúdo. A fala de YHWH abre o Cântico (Is 52,13-15) e o conclui (Is 53,11b-12), delimitando o conjunto, antecipando e confirmando o sentido dos fatos. No centro do texto, capítulo 53,1-11a, há uma mudança de locutor. Os/as redatores/as do cântico, certamente aqueles e aquelas que se identificam com o Servo sofredor, colocam na boca de um grupo denominado “nós” um discurso surpreendente. Esse grupo presencia o sofrimento do Servo e o descreve em forma de confissão, enquanto a exaltação do Servo é reservada a YHWH, cuja palavra serve de moldura para o Cântico.

A. Is 52,13-15: YHWH apresenta o Servo sofredor e garante o seu êxito.

B. Is 53,1-11a: Discurso dos espectadores – paixão, morte e glorificação do Servo.

1) 53,1-3: descrição da imagem do Servo – sua origem e sua situação atual.

2) 53,4-6: os espectadores assumem a culpa do sofrimento do Servo.

3) 53,7-10a: descrição do castigo do Servo – julgamento, morte e sepultura.

4) 53,10b-11a: se o Servo entregar gratuitamente sua vida, será glorificado.

C. Is 53,11b-12: YHWH proclama uma conclusão em favor do Servo.

Vamos nos aproximar um pouco mais do quarto Cântico do Servo sofredor, procurando contemplá-lo parte por parte, conforme a estrutura proposta acima.

4. Olhando de perto o quarto Cântico do Servo

A. Is 52,13-15: YHWH apresenta o Servo sofredor e garante o seu êxito

O quarto Cântico abre-se com as palavras de YHWH anunciando o êxito da missão do Servo sofredor e, conseqüentemente, sua exaltação. Seus esforços serão reconhecidos e ele será exaltado.

Mas, afinal, o que significa ter êxito? O verbo usado no texto hebraico é *sakal*, que quer dizer compreender, captar, agir com sabedoria, discernimento, prudência, cautela, silêncio se necessário for. Esse silêncio não é passividade. É um agir em defesa da vida, na contramão da sociedade opressora. Tal ação carrega no seu bojo a garantia do sucesso que surpreende e causa impacto. Quem assim age, é pessoa que tem discernimento e sabedoria para distinguir o bem do mal (cf. Gn 3,6; Dt 32,6).

O Servo de YHWH agirá com prudência na missão que lhe foi confiada: “te chamei para o serviço da justiça” (Is 42,6). Por isso ele será exaltado, enaltecido, elevado às alturas, ao espaço onde habita YHWH (Is 2,10-19), conforme a cosmovisão da época, bem explícita em Is 57,14-21: “eu habito um lugar alto e santo, mas estou junto ao abatido e humilde, a fim de animar o espírito dos humildes, a fim de animar os corações abatidos” (Is 57,15b).

Após anunciar o êxito da missão do Servo e sua exaltação, Is 52,14 apresenta o seu “retrato falado”. O Servo está destruído como uma terra que passou por violenta exploração e calamidade, tornando-se desértica, como se sofresse um juízo divino (cf. Is 64,10). Seu sofrimento é tão gritante que provoca espanto. A sua “aparência” está desfeita e a sua forma não é mais de gente. O texto usa o termo hebraico *to 'ar* que pode ser traduzido por forma, figura, aspecto.

Esse mesmo verbete aparece novamente nesse Cântico no capítulo 53,2, para insistir que o Servo tinha sido de tal forma desfigurado que o seu aspecto causava repulsa em quem olhasse para ele. O Servo perdeu até a característica de sua origem: seu aspecto “não era mais o dos filhos de Adão” (Is 52,14) – a obra criada por YHWH estava desfigurada.

No v. 15, YHWH diz que o Servo purificará muitas nações. Ora, o verbo usado aqui é *nazah*. Este verbo tem o sentido de aspergir, borrifar, salpicar, jorrar sangue, purificar. O verbo *nazah* aparece 21 vezes no Antigo Testamento, a maioria das quais no livro do Levítico, e no livro dos Números e sempre referindo-se ao rito da purificação (Lv 14,7; Nm 19,18; Is 52,15; 63,3).

No texto do quarto Cântico é o Servo de YHWH quem executa a missão de purificar as nações! Isso é inédito, uma vez que o Servo, segundo a Lei, estava impuro e, no culto, era o homem puro que purificava o impuro. É um virar a mesa. O Servo, impuro pela sua situação, torna-se instrumento de purificação dos outros pela própria vida e maneira de agir. Não se trata de um sofrimento fruto do castigo, mas consequência do compromisso solidário com a causa do povo (cf. Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-11). Isso causará espanto para as nações e os reis, os poderosos (cf. Is 49,7) ficarão estarecidos – boquiabertos, sem ter o que dizer, vendo algo de que apenas haviam ouvido falar.

YHWH apresenta e garante antecipadamente o êxito do Servo contra todas as expectativas. O Servo não se deixou contaminar pelos opressores. Não os imita na sua prática. O Servo não “revida”, não “paga com a mesma moeda” (Is 42,2-4). Tal maneira de agir é surpreendente. Os espectadores e aqueles que têm notícias a respeito do Servo ficarão de boca aberta... Eles verão o que apenas ouviram contar. É uma prática oposta à lógica do sistema, do discurso de “palanque”. Por isso mesmo é um gesto profético que toca e faz mudar a vida.

B. 53,1-11a: Discurso dos espectadores: paixão, morte e glorificação do Servo

1) 53,1-3: Descrição da imagem do Servo: sua origem e situação atual

No capítulo 53,1-3 temos uma mudança de sujeito. Os/as redatores/as do quarto Cântico colocam a fala na boca de um grupo de espectadores, denominado “nós”. Logo no primeiro versículo aparece uma pergunta incisiva: “quem, pois, acreditou naquilo que ouvimos?” A pergunta é irônica e deixa transparecer a rejeição da pessoa do Servo. É como se dissessem: quem vai acreditar na mensagem feita por esse resto humano? A partir do v. 2 o texto apresenta uma sintética biografia do Servo por meio de fatos. Nascimento, crescimento, paixão, morte e ressurreição.

A descrição de sofrimento do Servo é muito parecida com a fala de YHWH (52,14). Mas o critério de avaliação dos espectadores é totalmente outro. O Servo cresce e se desenvolve no meio do sofrimento (v. 2). Ele é como um tênue broto que emerge da terra seca e árida. Na luta contra as forças da morte, o Servo está desfigurado – não tem aspecto, nem esplendor que possam atrair alguém. A palavra que se destaca aqui é esplendor – em hebraico, *hadar* – que tem o sentido de honra, adorno, glória, formosura, beleza, dignidade, prestígio. Termo muito usado nos livros sapienciais como atributo divino (Sl 111,3) e também para se referir ao ser humano ou à natureza como reflexo da bondade de YHWH (Sl 8,6; Pr 20,29).

Esses atributos, aparentemente, não estão presentes na pessoa do Servo. Por isso mesmo ele é desprezado pelos homens. “O servo é um homem de dores, familiarizado com o sofrimento” (v. 3a). A palavra sofrimento – em hebraico, *holi* – significa dor, doença, enfermidade. Na Bíblia, como no senso comum, a dor, a doença, a enfermidade, o sofrimento muitas vezes são considerados como castigo de YHWH (Dt 7,15; 28,59; Is 53,3.4.10a). Tal perspectiva define a fala e a maneira de agir dos espectadores.

No quarto Cântico, o Servo está sofrendo física e moralmente. Mas, por incrível que pareça, a reação diante de seu sofrimento, de sua dor, é de desprezo, de omissão. A expressão usada pelos espectadores é: “a gente esconde o rosto [...] nem tomamos conhecimento dele” (v. 3b). A aparência, o aspecto do servo lhes causava constrangimento, vergonha. As pessoas o deixaram totalmente desamparado, como vemos em Jó 19,14: “abandonaram-me vizinhos e conhecidos, esqueceram-me os hóspedes de minha casa”.

Além do sofrimento físico, o Servo sofre o desprezo e o abandono de seus concidadãos. Por que tanto abandono e desprezo? Porque ele era considerado uma pessoa castigada por YHWH. Um impuro segundo a lei. Quem se aproximasse dele ficaria contaminado, conforme a teologia dos espectadores. Exatamente o oposto do que disse YHWH em 52,15: “assim ele purificará muitas nações”!

2) 53,4-6: Os espectadores assumem a culpa do sofrimento do Servo

“Na verdade, são os nossos sofrimentos que ele carregou, foram as nossas dores que ele suportou” (v. 4). O verbo carregar – em hebraico *nasa'* – significa também erguer, tomar, suportar, levar embora. No sentido de suportar ou carregar, ele é freqüen-

temente usado nos Livros do Levítico e dos Números para indicar o fato de “carregar a culpa, o castigo do pecado” ou “levar a iniquidade” (Lv 5,1.17; Nm 5,31). Podemos entender aqui a idéia de carregar a culpa de outrem, como substituição ou representação, no sentido de vítima santíssima (Lv 10,17) ou como bode expiatório (Lv 16,22).

Conforme a maneira de ver dos espectadores, o Servo é vítima expiatória, castigada por YHWH por causa dos pecados dos próprios espectadores. Eles chegam a dizer: “e nós o considerávamos atingido, golpeado por YHWH e humilhado” (53,4; cf. 10a). O Servo foi atingido – em hebraico, *naga*‘. Esse verbo significa tocar, alcançar, ferir, no sentido de uma pessoa tocar fisicamente em outra, ou num objeto; um objeto tocar em outro. Ou ainda, YHWH tocar no ser humano (Dn 8,18).

O verbo *naga*‘ é comumente usado num sentido ritualista. Ou seja, coisas santas, pertencentes a YHWH, não podem ser tocadas (Lv 12,4; Nm 4,15), bem como objetos considerados impuros (Nm 19,16; Is 52,11). É interessante notar que esse verbo aparece 198 vezes na Bíblia hebraica, 72 das quais no livro do Levítico. O Servo, tocado por YHWH pelo sofrimento, pela dor, é tido pelos espectadores como vítima sacrificial. Nesse sentido eles dizem que o Servo “foi trespassado” (53,5). O adjetivo trespassado vem do verbo *halal*, profanar, desonrar, contaminar, poluir. O grupo assume que o Servo está impuro “por causa das nossas transgressões” (v. 5).

O substantivo transgressões – em hebraico, *pasha*‘ – vem do verbo *pasha*‘. Esse verbo tem o sentido de rebelar-se, transgredir, revoltar-se, romper relações tanto civis, quanto religiosas – abandonar compromissos assumidos. O substantivo *pasha*‘ expressa a atitude daqueles e daquelas que rejeitam a vontade de YHWH, a sua Lei e Aliança. Trata-se de um conjunto de iniquidades que rompem o relacionamento com YHWH, com os outros e que destroem a própria pessoa (cf. Jó 34,6; Pr 12,13).

Já o termo iniquidade (53,5.6) – em hebraico, *awon* – reforça o sentido de *pasha*‘, pois *awon* significa desonestidade, perversão. O termo *awon* é um substantivo abstrato usado para expressar comportamento coletivo ou para associar delitos individuais a delitos de grupos: “e o bode levará sobre si todas as iniquidades/perversões deles para uma região desolada” (Lv 16,22). O termo *awon* é muito denso. Ele carrega em si a falta e suas conseqüências – os castigos que podem atingir a pessoa, grupos e a natureza (Lv 18,25; Lm 4,6).

Para que o castigo não acompanhasse a culpa, as pessoas deviam tomar consciência da sua falta e confessá-la (Lv 16,21; Ne 9,2), fazer pedido a YHWH (Ex 34,9; Nm 14,19; Sl 25,11) e mudar de vida (Ez 18,30; 36,31). Assim será providenciado um substituto para receber o castigo (Lv 16,22; Is 53,5-6.11; Ez 4,4-6). Os espectadores afirmam: o Servo leva sobre si a iniquidade de todos nós (cf. v. 5). É como se dissessem: ele é a nossa vítima expiatória, necessária segundo a lei do puro e impuro, para pagar pelos nossos pecados. Assim revelam uma das características do rosto de YHWH, segundo a teologia da retribuição: castigar para purificar (Lv 4-5; 7-14).

A seguir, eles se identificam como ovelhas errantes, seguindo seus próprios caminhos (53,6). O substantivo caminho é muito usado como metáfora para designar o

comportamento daqueles e daquelas que seguem o caminho dos justos ou o caminho dos ímpios (Sl 1,6). Assim, os pais são os primeiros responsáveis por educar seus filhos no caminho do Senhor (Gn 18,19), segundo os estatutos e mandamentos da lei de YHWH (1Rs 2,3; Sl 119).

Aqui os espectadores assumem: sua prática não está no caminho de YHWH, pois agem como ovelhas errantes que seguem o seu próprio caminho. Seu comportamento não corresponde à lei do Senhor. Portanto, são iníquos na sua maneira de viver e de agir. Seu comportamento é digno do castigo de YHWH, segundo sua própria teologia. E esse castigo recai sobre o Servo.

3) 53,7-10a: *descrição do castigo do Servo: julgamento, morte e sepultura*

A partir do v. 7, os espectadores começam a descrever a maneira de agir do Servo diante de tanta opressão (cf. Jr 11,19). O Servo brutalizado se humilha (v. 7). E, como cordeiro, não abre a boca. Ora, o cordeiro era considerado animal limpo que podia ser comido (Dt 14,4) e oferecido em sacrifício pela culpa ou como holocausto (Lv 5,7; 12,8). O Servo sofredor é comparado pelo grupo de espectadores a um cordeiro “arrastado ao matadouro”, em sacrifício, como “bode expiatório” da culpa dos próprios espectadores (53,7; cf. Jr 11,19). “Compelido, submetido a julgamento, ele foi arrebatado, e quem se preocupa com o seu destino?” (v. 8). Não tem possibilidade de autodefesa. É como se costuma dizer: “contra a força não há argumento”.

O Servo é levado a julgamento e sua geração não se preocupa com a sorte dele. Ele foi suprimido da terra dos vivos por causa das transgressões dos seus contemporâneos. O verbo suprimir – *gazar*, em hebraico – pode ser traduzido por cortar, no sentido de romper. “Quando ele vem seguido da preposição *min*, ‘da parte de’, ele traz a idéia de rompimento violento (Hb 3,17; Sl 88,6)”. O golpe (cf. v. 4) que deveria cair sobre os espectadores recai sobre o Servo, como vítima expiatória.

O castigo do Servo se estende até depois de sua morte, pois “seu cadáver é enterado entre os perversos [...]” (v. 9). Depois de morto é colocado entre os ímpios ou criminosos. Entre aqueles que tiveram uma vida em desacordo com a prática da justiça. Eram maus no pensar, no agir, não só em relação a YHWH, mas também à comunidade (Jó 40,8; Sl 37,33; 54,17). Is 53,10a afirma: “YHWH quis triturar o Servo pelo sofrimento”. YHWH triturou o Servo pelo sofrimento não só no sentido físico, mas também no sentido de angústia mental. O Servo foi esmagado por YHWH como “bode expiatório”. Sofre e morre como vítima substituta para ser mediador da salvação.

4) 53,10b-11a: *se o Servo entregar gratuitamente a vida será glorificado*

“Se ele entrega a sua vida em sacrifício de expiação, ele verá uma descendência, prolongará os seus dias e o projeto de YHWH terá êxito por meio dele” (v. 10b). Temos aqui o ponto-chave do texto. Até esse momento os espectadores viam no sofrimento do Servo um castigo pelos “nossos pecados” – ele tem que morrer para nos salvar.

Agora, o texto coloca na boca dos próprios espectadores uma afirmação inédita: se o Servo se entrega livremente, ele mesmo, numa atitude solidária, em sacrifício de expiação, ele “verá uma descendência [...]”. Como um grupo que acredita e defende a teologia da retribuição – sofrimento como meio de purificação – consegue fazer uma afirmação deste teor? O que levou esse grupo a mudar de atitude? Mais ainda: Quem é esse grupo? Continuemos analisando as palavras-chave e a sua proveniência na busca de resposta a esta questão.

O termo sacrifício, *'asham*, é muito freqüente no livro do Levítico para se referir a “sacrifício penitencial ou expiatório”, “sacrifício de expiação pela culpa” (ex.: Lv 5,6.7). Assim também o verbete “expiação”, *'šm*, é sempre usado em referência ao culto, como se pode observar, sobretudo, no livro do Levítico (ex.: Lv 4-5; 7; 14; 19). Importante observar que, em todo o livro de Isaías, o termo *'asham* só aparece no quarto Cântico do Servo sofredor (53,10b).

É uma mudança substancial em relação aos opressores – que estes cheguem à seguinte conclusão: aqui temos o mais profundo desejo do Servo sofredor e o sofrimento do Servo não é castigo pelo pecado, cuja culpa é apagada por meio de sacrifício, dentro do esquema do puro e impuro. O sofrimento, o martírio, a morte do Servo são conseqüências de uma prática comprometida de amor e de justiça no contexto de uma sociedade iníqua (Is 42,6; 50,4). Por isso YHWH garante: “ele verá uma descendência e seus dias se prolongarão” (v. 10b e 11a). Vida longa e descendência são características da bênção de YHWH (Dt 4,40; 5,33; 6,2; 30,20). Ou seja, o Servo ressuscita na sua posteridade. Parafraseando D. Oscar Romero, podemos dizer: “Se me matarem, ressuscitarei na vida daqueles e daquelas que continuam lutando pela justiça” – todos verão e terão que admitir.

Esta confissão na boca dos espectadores é uma forte denúncia profética feita pelos/as redatores e redadoras do texto. Não é o ritual sacrificial que salva, mas a prática da solidariedade com todos os riscos que isso implica. Assim ele quebra a lei do puro/impuro que exige purificação por meio do sacrifício de expiação. Aqui não se trata de sacrifício para cumprir a lei, mas de um gesto de entrega da própria vida em solidariedade com aquelas e aqueles que também estão sendo esmagados pela opressão.

Por isso mesmo o projeto, a vontade de YHWH, terá êxito por meio dele (v. 10c). A solidariedade, até a entrega da própria vida, com aquelas e aqueles que lutam para que se estabeleça a justiça e a fraternidade para todos e todas faz triunfar o projeto de YHWH (53,10d).

É assim que se entende a fecundidade do broto que é gerado em terra árida (v. 2); a força da vida que supera a força da morte (v. 8); o êxito do insucesso (v. 10c). Após ter pago com a própria vida, o Servo verá uma descendência e será cumulado de dias (v. 11a). A vida do justo permanece: “A memória do justo é para sempre” (Sl 112/111,6). Ele distribuirá a justiça, pois carregou as iniquidades do povo. “Há gritos de júbilo e vitória nas tendas dos justos” (Sl 118,15.17).

A solidariedade do Servo servirá para levar os outros à justiça. Isso é constatado pelos próprios espectadores. A teologia da retribuição foi quebrada pela entrega gratuita da vida. Em última análise, no discurso dos opressores, os/as redatores/as do quarto

Cântico querem apresentar uma denúncia profética: a vida e a morte do Servo sofredor têm a força de levar os opressores à conversão. É o mundo novo sonhado pela comunidade do Terceiro Isaías, quando lobo e cordeiro comerão capim juntos! (Is 65,24-25).

Chegamos à última parte do texto: Is 53,11b-12. YHWH assume novamente a palavra, garantindo o êxito do Servo.

C. Is 53,11b-12: YHWH proclama uma conclusão em favor do Servo

YHWH retoma a palavra dizendo: “logo que conhecido, justo, ele distribuirá a justiça, ele, meu Servo, em benefício das multidões, pois as iniquidades delas toma sobre si” (v. 11). A missão do Servo é fazer acontecer a justiça num mundo desumano, injusto. Por isso sua maneira de agir será um serviço profético à humanidade (Is 42,6) – multidões serão beneficiadas com a entrega solidária de sua própria vida.

Por isso YHWH garante que o Servo terá *a sua parte nas multidões, e com grande número ele repartirá o despojo* (v. 12). Despojo de guerra consistia em mulheres e crianças, gado e bens de valor. A alegria de Israel libertado da opressão (Is 9,3) e a aquisição do tesouro da Palavra de YHWH (Sl 119,162) são comparadas às comemorações da divisão dos despojos de guerra (cf. 1Sm 30,16).

Em Is 53,12 a partilha dos despojos simboliza o triunfo ou êxito da missão do Servo: “[...] visto que derramou a sua alma até a morte e se deixou contar entre os pecadores, visto que carregou o pecado das multidões e intercede pelos transgressores” (v. 12). O termo hebraico usado nesse texto para designar pecado é *ḥet’*, que vem da raiz *ḥata’* “errar, sair do caminho, pecar, tornar-se culpado, perder, purificar da impureza”.

O verbo *ḥata’* é usado para falar da violação da lei civil, em termos políticos (2Rs 18,14), econômicos (Ex 5,16) e sociais (Gn 43,9; 1Sm 24,12; Jz 11,27). Em termos religiosos esse verbo é usado para indicar falha, incapacidade ou ainda insuficiência no cumprimento da Lei de YHWH (Lv 5,16), ou seja, errar o alvo, ficar aquém do padrão estabelecido.

O termo *ḥata’* corresponde ao termo *anomia*, em grego, usado para designar as pessoas iníquas. Mais precisamente, aqueles e aquelas que não praticam a Lei (Mt 7,23; 24,12). Em Is 53,12 o Servo assume sobre si as conseqüências do agir de um grupo de iníquos que não estão cumprindo a Lei do Senhor. A vida, paixão e morte do Servo se tornam assim intercessão aceita por YHWH. YHWH ouve o grito de sua oração silenciosa! É o profetismo da semente que morre para gerar vida!

Em síntese, podemos dizer: estamos diante de um texto muito bem organizado. O quarto Cântico abre-se com a palavra de YHWH apresentando o seu Servo sofredor e garantindo antecipadamente o êxito de sua missão, contra a lógica dos seus opressores (52,13-15).

No centro do texto temos a fala dos opressores e, ironicamente, o seu processo de conversão. Num primeiro momento, uma pergunta deixa transparecer a rejeição do Servo (53,1). A seguir, os espectadores descrevem a situação repugnante do Servo e conseqüentemente seu abandono, pois está impuro (53,2-3). Eles se confessam culpa-

dos (53,4-6) e apresentam sua teologia. O Servo é vítima sacrificial, castigado por YHWH em lugar dos próprios espectadores (53,7-10a). Aqui acontece uma virada na história. Os espectadores chegam à conclusão de que o sofrimento do Servo não é castigo de YHWH, mas entrega livre e gratuita, como gesto solidário com os oprimidos e oprimidas que lutam pela vida (53,10b-11a).

O texto conclui com uma nova palavra de YHWH confirmando a vitória do Servo e as conseqüências benéficas do seu agir para toda a humanidade (53,11b-12).

5. A comunidade dos pobres relê a história

O quarto Cântico do Servo sofredor pode ter nascido da vivência das comunidades do Segundo Isaías, exiladas na Babilônia, entre os anos 550-540 aC. Mas certamente ele foi muito usado pelas comunidades que viviam em Judá, entre os anos 530 e 450 aC, época do domínio persa. Tais comunidades fizeram uma releitura da história, buscando luz para descobrir a sua missão de resistência à dominação da elite política e religiosa de Judá que, aliada ao império persa, oprimia o povo com pesados tributos, a partir do templo. Essa maneira de agir da elite judaica era justificada pela teologia da retribuição que determinava quem estava perto ou longe de YHWH pela lei do puro e impuro e exigia culto como meio de purificação.

Olhando atentamente o texto do quarto Cântico do Servo, percebemos algumas palavras-chave que nos apontam a releitura feita pelas comunidades de Judá, nesse novo contexto. Logo no início, na primeira fala de YHWH, nos deparamos com o verbo purificar, *nazah* (52,15), muito freqüente nos livros do Levítico e dos Números. No livro atribuído a Isaías o verbo purificar é encontrado apenas no quarto Cântico do Servo e no Terceiro Isaías (Is 63,3), texto datado por volta do ano 450 aC.

Outra palavra que nos chama a atenção é o verbo carregar, também muito freqüente nos livros do Levítico e dos Números. No quarto Cântico os espectadores dizem: “Na verdade, são nossos sofrimentos que ele carregou [...]”. E acrescentam ainda: “nós o considerávamos atingido, golpeado por YHWH [...]” (53,4). O verbete golpear, *naga*, é usado freqüentemente no sentido ritualista, e sua maior incidência é no livro do Levítico.

O termo sacrifício, *'asham*, também é típico do livro do Levítico, bem como a palavra “expição”, *'šm*. Ambos são muito usados em referência ao culto. É bom ressaltar ainda que a expressão “sacrifício de expiação” é usada no livro atribuído a Isaías unicamente no quarto Cântico do Servo sofredor (53,10b).

Os termos em destaque aparecem, predominantemente, no livro do Levítico e no dos Números, o que nos remete ao tempo do pós-exílio, período de Esdras e Neemias (450-400 aC). Nessa época, escribas e sacerdotes do templo fizeram uma releitura de todo o Pentateuco e elaboraram uma série de leis consolidando a teologia da retribuição e a questão do sacrifício de purificação ou de expiação pela culpa e pelo pecado. Tais leis pesavam sobretudo na vida das pessoas pobres, doentes, estrangeiras que não tinham condições econômicas de cumprir todas as suas exigências. Por isso mesmo, eram Servas sofredoras, excluídas da vida da comunidade.

Tais elementos nos indicam que as comunidades pobres e marginalizadas do interior de Judá leram e releeram o quarto Cântico do Servo, encontrando nele o eco do seu grito profético clamando por justiça. Certamente essas comunidades colocaram aí seus acréscimos e modificações em resposta às suas necessidades. Assim optamos por considerar o quarto Cântico, tal qual o temos hoje, como uma releitura das comunidades de Judá, no período da reforma de Esdras e Neemias.

Partindo dessa leitura, vamos fazer memória da situação do povo em Judá, logo após a volta da Babilônia.

6. A realidade que está por trás do quarto Cântico

Estamos entre os anos 550 e 400 aC, época do imperialismo persa. A região siro-palestina e o Egito estão desafiando o controle do império. Na primeira metade do século V, o sátrapa da província de Além-Rios, Megabizos, iniciou uma revolta que fez da região siro-palestina um barril de pólvora para os persas, o que exigiu do império todo cuidado para manter o controle militar na área. Como se isso não bastasse, por volta de 404 aC, o Egito também acirrou a sua luta por independência. Nessa conjuntura a importância estratégica de Judá para o Império Persa aumentou, pois sua posição geográfica era propícia para o abastecimento das tropas que se dirigiam ao Egito, passando pelas regiões desérticas do Sinai.

Para maior desafio do governo persa a Quinta satrapia, chamada Transeufratênia, da qual Judá fazia parte, escreveu ao rei Artaxerxes denunciando um possível levante dos exilados que haviam voltado para Judá (Esd 4,7-22). Tal carta causou grandes preocupações ao imperador, bem como àqueles que trabalhavam em cargos de confiança junto a ele. E, além de tudo, a administração interna de Judá estava muito relapsa em suas funções... A profecia atribuída a Malaquias (500-450 aC) nos deixa entrever os desmandos das autoridades locais, sobretudo da classe sacerdotal responsável pelo bom funcionamento do Templo, centro econômico, social, político e religioso da nação... Urgia uma tomada de providências por parte da Pérsia! Foi o que aconteceu!

O imperador Artaxerxes enviou a Judá o governador Neemias com plenos poderes para fortificar e reurbanizar Jerusalém, instalando aí uma administração provincial, para reconstruir a economia da nação judaíta onde o governo persa pudesse ter uma fonte de renda (cf. Ne 2,4-9; 5,14). Para o governo persa era de suma importância controlar a Judéia para acalmar os conflitos na região da Transeufratênia e construir na área reservatórios de água e armazéns de cereais para abastecer as tropas que passavam em direção ao Egito. Neemias pôs mãos à obra. Apesar das dificuldades e resistências de grupos internos (Is 58–59), e dos povos vizinhos, sobretudo dos samaritanos (Esd 4; Ne 3,33-37), a cidade capital de Jerusalém foi fortificada com muros e repovoada (Ne 3,38; 7,1-72).

Com isso Neemias agradou ao Império Persa e, ao mesmo tempo, respondeu aos interesses da aristocracia judaica que queria ter uma capital fortificada que lhe desse segurança e funcionasse como centro socioeconômico e religioso.

O imperador Artaxerxes deu mais um passo em vista dos interesses do império. Enviou o sacerdote e escriba Esdras a Jerusalém com a missão de reorganizar o povo em torno do templo e da Lei de YHWH, que se tornou a lei do rei (Esd 7,24-27). De acordo com essa lei os dízimos, as ofertas, os primogênitos e as primícias se transformaram em dízimo obrigatório ou tributo a ser entregue para os levitas no templo, “estocados” na sala do Tesouro e embolsados pelos sacerdotes chefes (Ne 10,39).

O único sacrifício do qual o ofertante participa é o sacrifício de comunhão, sendo que a melhor parte deve ser entregue para o sacerdote oficiante (Lv 7,34)! Além disso, novos rituais foram acrescentados com o título de “coisas santíssimas”: a oblação, o sacrifício pelo pecado e o sacrifício de reparação, tudo isto em vista de arrecadar mais produto para os sacerdotes (Lv 10,10-20), liderança oficial do templo, que repassava parte das entradas ao Império Persa! O sacrifício é apresentado como única forma de purificação, seja ele sacrifício de animais, ou concretizado na própria carne, como sofrimento, doença, dor etc. (Is 53,7-10a).

Por trás dessas leis que regiam o sistema de reparação constata-se uma legislação minuciosa feita pelos escribas e sacerdotes sobre a vida cotidiana, delimitando o que torna as pessoas ou objetos impuros ou puros. O código de pureza, contido no livro do Levítico, prevê detalhadamente os rituais de purificação e os respectivos pagamentos em forma de ofertas e sacrifícios a serem pagos aos administradores do templo (Lv 15,1-33).

Imaginemos o que isso significava para as famílias pobres, que não estavam ligadas à elite sacerdotal. Todo esse pessoal entrou num processo de endividamento que se tornou uma verdadeira escravidão. Por um lado, camponesas e camponeses tinham sua produção atrelada à demanda do templo, através da lei do sacrifício e das ofertas. Por outro lado, a lei do puro e impuro controlando a vida das pessoas, suas relações em todos os níveis (ex.: Lv 15,19-24).

Tamanha opressão precisava de uma justificativa muito forte. Conforme a imagem da sociedade em funcionamento, as leis codificadas receberam uma moldura teológica hierárquica: YHWH – Moisés – Aarão e seus filhos – povo! (Lv 8,4.36; 9,7; 10,11 etc.). As leis nascidas para organizar a vida cotidiana foram estruturadas num livro e, por ordem sagrada de YHWH, deviam ser explicadas pelos sacerdotes e escribas oficiais do templo. Como essas pessoas são mediadoras de YHWH, “o autor” primeiro das leis, em seu nome devem ser obedecidas sob pena de prisão, desterro, morte e confisco dos bens (Esd 7,25-26).

Com isso as leis do culto se estendem às minúcias da vida cotidiana do povo como instrumento de exploração econômica em favor da elite teocrata e do Império Persa. YHWH, o YHWH único e masculino, residente no templo, mediado por homens adultos e bem de vida, se torna padrão. Conseqüentemente, a grande maioria da população formada por pessoas pobres, mulheres, estrangeiros, crianças, deficientes físicos, velhos, doentes etc. – aquelas e aqueles que não têm condições de responder economicamente às exigências legais do templo –, fica excluída da vida econômica, social, política e religiosa do país.

Essas excluídas e excluídos de Judá se vêem no espelho das comunidades do Segundo Isaías, no exílio da Babilônia. Assumem e ampliam sua experiência de solidariedade e prática da justiça. Esta experiência se torna o seu grito profético contra a elite política e religiosa que explorava o povo através da Lei do puro e impuro e da exigência de sacrifícios e ofertas no templo como meio de ficar quites com YHWH.

7. Solidariedade no lugar de sacrifício de expiação

Como o quarto Cântico do Servo nos revela o grito profético das comunidades de Judá, no pós-exílio, tempo da dominação persa? Afinal, quem são as personagens presentes no quarto Cântico, e que projetos defendem?

O texto inicia e termina com a fala de YHWH apresentando seu Servo e garantindo o êxito de sua missão. A fala de YHWH é intercalada pelo discurso contendo o processo de conversão do grupo que se denomina “nós” e que chamamos de espectadores (Is 53,1-11a).

Como “a boca fala da abundância do coração”, podemos, de certa forma, identificar as pessoas e seus projetos pelo que dizem. YHWH é o primeiro a falar (Is 52,13-15). Ele apresenta o seu Servo esmagado e garante o êxito de sua missão. O Servo é um homem sofredor. Está desfigurado pelos maus-tratos a tal ponto que não tem mais aparência humana (v. 14). Certamente, conseqüência da fome, da exploração que define as pessoas e mata. Esta era a situação econômica, social e política de Judá, no tempo da dominação persa. Mas, para perplexidade das multidões, dos reis e das elites religiosas de Judá, o Servo, desfigurado, objeto de desprezo, purificará muitas nações. O rosto de YHWH que o quarto Cântico do Servo apresenta é surpreendente! É um YHWH que vai na contramão do sistema reinante: o impuro purifica o puro! As pessoas desfiguradas na luta solidária com os/as empobrecidos/as contra as forças de morte se tornam mediadoras da salvação para todos e todas.

E quem são os espectadores? Ao que tudo indica é a elite corrupta de Judá e seus aliados, que estão sugando a vida do povo. Eles também constatarem que o Servo está desfigurado pelo sofrimento. O Servo é objeto de desprezo e de abandono, pois está impuro, segundo a sua teologia (v. 2-3). Mais ainda: eles até se confessam culpados do sofrimento do Servo (v. 4-6). De sua fala podemos deduzir a situação de opressão e violência implantada pela elite política e religiosa local, aliada ao Império Persa e respaldada pela lei do puro e impuro. Tal situação está empobrecendo, marginalizando as pessoas, tornando-as impuras e repugnantes.

Conforme a sua teologia, os espectadores vêem no sofrimento do Servo um castigo de YHWH pelos seus próprios pecados (v. 6). Nesse sentido, o Servo é vítima substituta no sacrifício de expiação exigido pela Lei descrita no livro do Levítico (Lv 5,1-26; 7,1-27). Os espectadores chegam a dizer, no versículo 10: “YHWH quis tritura-lo pelo sofrimento”. Mas, os/as redatores/as do quarto Cântico vão longe na sua denúncia ao colocar uma confissão inédita na boca dos espectadores: “Mas, se ele entrega a sua vida em sacrifício de expiação, ele verá uma descendência, prolongará os seus dias e o projeto de YHWH terá êxito por meio dele”.

Os opressores devem reconhecer que, se os/as Servos e Servas entregam voluntariamente a vida em solidariedade com aqueles e aquelas que sofrem, permanecerão vivos na sua posteridade, serão luz para as nações.

É um sonho, uma proposta, uma denúncia profética. Nessa denúncia percebemos que os/as sofredores e sofredoras não são pessoas ingênuas. Eles e elas têm consciência da situação. Conhecem as causas do sofrimento do povo e quem são os responsáveis. Mas não os imitam na sua maneira de agir. Não assumem seu projeto. Muito pelo contrário. Proclamam que não é o cumprimento da lei do sacrifício que muda a situação de sofrimento e salva as pessoas. Mas, a prática da partilha e da solidariedade como vimos concretamente na história de dona Maria.

8. A missão profética das Servas e Servos sofredores hoje

A fala de YHWH no início e no fim do Cântico confirma a missão profética das/os empobrecidas/os e marginalizadas/os: a vivência da contralógica do sistema oficial de injustiça: o impuro purifica o puro pela solidariedade até a entrega da própria vida. Não é o sofrimento pelo sofrimento, mas a entrega da vida como ato supremo de solidariedade com aquelas e aqueles que sofrem. É agir na contramão do sistema injusto. Esta ação é profética porque em si mesma é uma denúncia do sistema que destrói e um anúncio do projeto de justiça, fraternidade de YHWH, Deus que é Pai-Mãe. Vale a pena lutar para que se confirme no nosso dia-a-dia esse projeto desafiador: “Prova de amor maior não há que doar a vida pelo irmão”.

Mais ainda. Ontem, como hoje, é necessário identificar as causas e as/os responsáveis pelo empobrecimento, marginalização e opressão que estão destruindo o cosmos e desfigurando tantas pessoas. Criar meios de nos organizar e resistir. Mesmo que o sistema continue tentando nos destruir, perseguindo e eliminando nossas lideranças, continuamos com a convicção de que o projeto da nova sociedade passa pelas pessoas concretas, mas as ultrapassa. “Mata-se o sonhador, mas não se mata o sonho”.

Em nossa prática diária, não vamos imitar o opressor. Pelo contrário, com as Servas e os Servos sofredores, como dona Maria e tantas outras mulheres e homens, queremos combater a opressão pela solidariedade e prática da justiça no miudinho da vida. Contando e recontando os pequenos gestos de partilha e solidariedade. Celebrando o Deus da Vida presente no nosso cotidiano de luta e conquistas, como meio de cultivar a mística que nos sustenta. Enfim: queremos transformar as armas de guerra em instrumentos de construção de vida (Is 2,1-2).

Esses pequenos gestos são setas luminosas que apontam caminhos de vida. São grãos de areia na imensa engrenagem do sistema de morte. Eles têm o milagroso poder de ressuscitar as pessoas e as unir em torno da esperança e do sonho da sociedade que YHWH quer para todas e todos.

Este artigo é fruto de um trabalho comunitário da equipe do Centro Bíblico Verbo. Agradecemos especialmente a contribuição de Edson Castro, Fernando Doren, M. Antônia Marques, M. Paula Rodrigues, M. Terezinha Veroneze, Maristela Tezza, Mariza Galvão, Nancy Cardoso Pereira e Terezinha Barros.

Bibliografia

- ALONSO SCHÖKEL, Luís & SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I: Isaías, Jeremias*. São Paulo: Paulinas, 1988 (Coleção Grande Comentário Bíblico).
- CROATTO, J. Severino. *Isaías: A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. V. II: 40–55 – *A libertação é possível*. Petrópolis: Vozes/Sinodal, 1998 (Comentário Bíblico).
- GALLAZZI, Sandro. Nunca descuidemos da casa do nosso Deus (Ne 10,40) – Aspectos da economia do segundo templo. *RIBLA*, n. 30, Petrópolis/São Leopoldo, 1998, p. 39-77.
- GORGULHO, Maria Laura. Criatividade na crise. *Estudos Bíblicos*, n. 42, Petrópolis, 1994, p. 55-70.
- HARRIS, Laird R. e outros (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- NAKANOSE, Shigeyuki & PEDRO, Enilda de Paula. *Como ler o livro de Malaquias*. São Paulo: Paulus, 1996.
- NAKAZAWA, Koki. *Studies in Deutero-Isaiah*. Tokyo: Yamamoto, 1972.
- PEDRO, Enilda de Paula & NAKANOSE, Shigeyuki. Debaixo da macieira eu te desnudei. Uma leitura de Cânticos 8,5-7. *RIBLA*, n. 37, Petrópolis/São Leopoldo, 2000, p. 60-78.
- SCHAMS, C. Jewish Scribes in the Second-Temple Period. *Journal for the Study of the Old Testament*. Sheffield Academic Press, 1998 (Supplement Series, 291).

Shigeyuki Nakanose
Enilda de Paula Pedro
Rua Verbo Divino, 993
São Paulo/SP
04719-001
www.cbiblicoverbo.com.br